



O OLHAR DOCENTE SOBRE AS BANCAS PARA COTAS NA UEMS – CAMPO GRANDE

Ovídio da Conceição Batista Júnior (PPGLetras/UEMS)¹
ovidiobatistajr@gmail.com

RESUMO: Recorremos a Análise do Discurso como base para este artigo que analisa o olhar do sujeito docente negro para o processo de banca de cotas para a universidade, quais suas impressões e sentidos a partir dos seus discursos. O sistema de cotas no Brasil trouxe uma nova perspectiva para que negras e negros tivessem acesso ao ensino superior superando assim anos de defasagem pessoal e profissional, já que nem todos tem condições de ingressar ao ensino privado e se manter, levando em consideração a necessidade de conciliar o trabalho e estudos. Muitas tensões envolve o assunto, mesmo que ele já esteja em prática a mais de quinze anos na UEMS, sempre surgem questionamentos quanto a capacidade dos alunos que ingressam pelo sistema de cota, entretanto, estudos apontam que esse é um debate que não tem sustentação, já que os resultados apontam para níveis satisfatórios de aprovação e conclusão de cursos. Por outro lado, temos os docentes que estão envolvidos no processo/banca de cotas. Neste artigo é apresentado uma análise do discurso desses docentes negros que participam do processo na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, unidade de Campo Grande. Os discursos foram obtidos como parte da pesquisa de campo para o mestrado nesta mesma instituição, com o tema Análise do discurso dos professores negros da UEMS. Há um interesse em saber quais suas percepções sobre o processo com o olhar de quem já está na universidade e percebe as tensões nas relações entre negros e brancos. A atuação étnico-racial faz com que o sujeito docente negro tenha uma percepção de identidade diferente dos demais.

PALAVRAS-CHAVE: Cotas; Negros; Docentes.

ABSTRACT: We use Discourse Analysis as the basis for this article that analyzes the black teaching man's look at the examining board of the racial quotas process for the university, what their impressions and meanings are based on their speeches. The quota system in Brazil has brought a new perspective for black women and black men to have access to higher education, thus overcoming years of personal and professional lag, since not everyone is able to attend private education and maintain themselves, taking into account the need to reconcile work and studies. Many tensions involve the subject, even if it has been in practice for more than fifteen years at UEMS, there are always questions about the ability of students who enter the quota system, however, research points out that this is a debate that is not supported, since the results point to satisfactory levels of approval and completion in the courses. On the other hand, we have teachers who are involved in the quota examination committee. This article presents an analysis of the discourse of these black teachers who participate in the examining committee of the State University of Mato Grosso do Sul - UEMS, unit of Campo Grande. There is an interest in knowing what their perceptions about the process are from the perspective of those who are already at the university and perceive the tensions in the relations between blacks and whites.

¹ Ovídio da Conceição Batista Júnior é formado em Gerência de Marketing e Mestre em Letras pela UEMS. O presente artigo conta com dados obtidos durante a pesquisa de mestrado com o Título: Análise do discurso dos professores negros da UEMS de Campo Grande – MS.



The ethnic-racial performance makes the black teaching man's have a different perception of identity than the others.

KEYWORDS: Quotas.Black.Teachers

Introdução

Expondo a temática sobre a cota na UEMS, a lei estadual nº 2.605, de 06/01/2003 que dispõe sobre a reserva de 20% das vagas para negros na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, esta trouxe para o meio acadêmico o questionamento quanto ao *status* do Brasil, de não ser um país que permita a prática de segregação, embora a prática não seja apontada, o sentido está presente nas relações sociais dentro e fora das universidades, com todas as sutilezas e mascarações possíveis de serem utilizadas.

A instituição de cotas para negros na UEMS, estabelece um marco na história pois, a partir deste momento, o número de negros teria um crescente, em comparação com os anos anteriores. Entretanto, o assunto já fora abordado e analisado por outros autores como a Doutora Maria José de Jesus Alves Cordeiro em sua tese de doutorado “Negros e Indígenas cotistas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul: desempenho acadêmico do ingresso à conclusão de curso” (CORDEIRO, 2008), nos permitindo assim uma nova análise, um novo olhar, do ponto de vista do docente, que participa das bancas de cotas para alunos negros na instituição. Por toda sua trajetória entre a discussão, a criação da lei e a aplicação em si, sempre foi permeada por tensões, polêmicas e rupturas de paradigmas.

Cada sujeito docente negro que se depara com o processo em si, tem um olhar, um sentido que o leva para uma memória que o afeta e toca sua identidade. Essa sim, remete a momentos da trajetória de alguns docentes, que não tiveram a mesma oportunidade para acessar o nível superior, mas que compadece com a



situação de benesse que favorece alguns candidatos a discentes. Está diante dele uma oportunidade para alguns e desafios e para outros, de romper com o sentido mais vil em um sujeito contra sua própria etnia, o preconceito.

Alguns sujeitos ao deparar com o processo em si, traz para a banca seus preconceitos, suas inquietações colocando o sujeito docente negro em uma linha tênue entre aprovar o aluno pela sua condição, enquanto negro, ou por reprovar pelo fato desse mesmo aluno se portar contrário ao processo ao qual ele recorre para ter acesso ao nível superior em uma universidade pública. Afinal, o que o levou até a UEMS pelo processo de cotas se ele mesmo é contrário ao processo? Quanto ao sujeito docente negro, além dessa linha tênue que ele se envolve, uma outra questão surge: eu, enquanto negro (a), que não tive essa oportunidade de acesso, devo concordar com o sentido de racismo que está diante de mim apresentado por um sujeito que não concorda com o processo das cotas e mesmo assim quer usar em benefício próprio, ou devo impedir que isso continue reprovando o candidato? Como devo proceder? E meus colegas, como pensam ou avaliam esse momento que é simbólico para a população negra, que nos primórdios pós abolição da escravatura não tinham acesso à educação.

Ao analisar os recortes, naturalmente deparamos com uma das questões que se considera ser essencial para a Análise do Discurso, a identidade. De outra perspectiva, já no âmbito da ciência da linguagem, a palavra identidade refere-se ao seguinte:

O conceito de identidade é difícil de definir. Ele é ao mesmo tempo central na maior parte das ciências humanas e sociais, e é objeto de diferentes definições, algumas das quais são muito vagas. [...] Lalande (1997) elenca quatro sentidos, dos quais destacará aquele que corresponde ao que tradicionalmente se chama de “identidade pessoal”, definida com “caráter de um indivíduo [...] de quem ele é o mesmo a identidade do eu. (MAINGUENEAU, 1997, p. 266-7)



Assim, é possível considerar de duas perspectivas elementares a identidade: a primeira diz respeito à etnia (caráter biológico), grupos com um conjunto de características comuns; a outra se refere ao conjunto de características culturais, aquelas que identificam, de certa forma, um determinado grupo, considerando ainda o sentido de formação ideológica, a identidade é construída com o discurso e o sentido ela é uma representação (RODRIGUES, 2011, p. 21).

Vamos analisar alguns discursos sobre a questão das cotas, mas que mantém uma relação com a identidade:

“A minha experiência foi extremamente dolorosa e solitária. As pessoas te deixam só.”

“É um processo delicado, pois alguns candidatos ainda manifestam seus preconceitos.”

“Não se assumem. Mas é compreensível...A farsa da abolição está logo ali! Negação do direito.”

“A experiência é interessante, porém desgastante.”

“Muitos sabem e se reconhecem negros; outros estão ali porque na certidão de nascimento está como “pardo” e aí, vão pelas cotas.”

“Mas, vê-se que não tem noção do que são as cotas.”

“Já participei. No momento estou afastado para estudos.”

“Percebi que poucos tinham relação com a identidade negra, mas usavam discurso de que algum antepassado era negro.”

“É o momento que garantimos que mais negros estejam no interior da UEMS. É um trabalho gratificante.”

“São poucos os candidatos que tem consciência sobre a importância de se auto declarar negro. Considero importante o reconhecimento sobre ter direito.”

Iniciando a análise, temos o recorte: “A minha experiência foi extremamente dolorosa e solitária. As pessoas te deixam só”. No momento mais crítico “as pessoas te deixam só”, embora o processo não seja realizado de forma isolada, são vários docentes envolvidos, mesmo assim, por uma questão de



identificação e atuação étnico-racial dentro da instituição é que se vê envolvido com o processo, porém, no momento crucial quando se passa pelas bancas e se depara com situações tensas, essa relação encerra e cada um reage de forma diferente conforme as memórias discursivas se enunciam.

Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. É uma memória coletiva, até mesmo porque a existência de diferentes tipos de discurso implica a existência de diferentes grupos sociais, sem, contudo, implicar equivalência.

Um discurso engloba a coletividade dos sujeitos que compartilham aspectos socioculturais e ideológicos, e mantém-se em contraposição a outros discursos. Trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção. (FERNANDES, 2007, p. 46).

Assim, todo enunciado ou ato de fala que o sujeito presencia o remete para algo anterior, um momento em que as situações se encontram em sua memória. Desta forma, o sujeito docente negro ao defrontar com situações adversas ao cotidiano, busca o silenciamento “deixam só”, ou seja, uma forma de não dizer que qualquer coisa rompeu com os propósitos do processo e trouxe à tona um desconforto entre os presentes, se nada acontecesse fora do comum, não haveria esse isolamento que vem a no enunciado. Além do silenciamento que se evidencia, a “experiência dolorosa e solitária” reafirma que o processo em si não é dos mais singulares e atraentes, pois causa desconfortos (dor e solidão), donde surge o questionamento: o que causa o isolamento/silenciamento? Que dor é essa que marcou o momento para esse docente?

Para responder essas perguntas vamos ao recorte: “É um processo delicado, pois alguns candidatos ainda manifestam seus preconceitos.” Ao debruçar sobre um processo de cotas e ainda deparar com atitudes evidentes de



racismo e não mais um sentido, avassala qualquer docente, uma vez que estão ali diante de um processo que vai contra as práticas racismo, vem no sentido de dar acesso às pessoas ao nível superior e em vez disso o candidato “manifesta seus preconceitos”, refutando a oportunidade e propagando o discurso contra o processo e dessa vez, já inserido nele. Usando de metáfora, seria o paciente que sempre precisou de medicamento recusar o tratamento por não gostar de remédio. Ao ter acesso ao sistema de bolsa e recusar ou ainda criticar de forma contrária, vai contra toda uma história, um processo de reconhecimento e luta à que muitos docentes, alunos e integrantes da sociedade se dispuseram a realizar, é negar a própria identidade, é negar o outro, então, afirmar o sentido e a prática de segregação que se observa na história do país.

Essa irresponsabilidade de conduta por parte dos candidatos não acontece ou se enuncia em apenas um momento, ele vem através da narrativa de outros sujeitos docentes, conforme segue: “Não se assumem. A farsa da abolição está logo ali! Negação do direito.” A negação da identidade do candidato, coloca o sujeito docente negro diante de questionamentos contraditórios, mais uma vez. O candidato ao não se assumir faz com que o sujeito docente que está diante de uma banca de cotas assuma uma postura de ajustar essa conduta provocando a reflexão no candidato ou em vez disso, alguns optam por se retirar do processo já que: “a experiência é interessante, porém desgastante” e esse desgaste leva à outros sentidos, enunciados por outros sujeitos docentes, ainda, “as pessoas te deixam só”, vem com um sentido de abandono pleno, não somente físico de deixar sozinho no ambiente, deixam sozinhos, não apoiam, isolam, como quem afirma: Isso é com você e não faço mais parte!

Esse tipo de comportamento e experiência acaba por condenar a falência um instrumento que foi conquistado de forma árdua, posto que os que avaliam esse instrumento não são muitos e outro aspecto, não se pode delegar a prática para os sujeitos docentes brancos, pois dessa forma seriam o outro falando pelo



negro, daí a questão e o sentido de identidade e cuidado necessário estariam condenados, não por falta de capacidade, mas, se foi uma luta e conquista em que, os docentes negros estiveram a frente sempre, que estes estejam presentes também, sempre.

O sujeito é interpelado de diversas formas, com vários sentidos, com muitas condições que o levam a analisar o quanto o processo é relevante, mas ao mesmo tempo, o quanto ele expõem cada docente que se envolve na tentativa de fazer com que o preposto a aluno reconheça sua identidade, sua importância para compor um “sistema de defesa” que desde o princípio foi desenhado para impedir que negras e negros tivessem acesso. Realça-se o sentido de identidade pois, se estivesse presente desde sempre, não teríamos casos de racismo dentro do processo praticados por quem deve por natureza de concessão defender. O que nos toca enquanto pesquisador sobre a identidade de cada aluno/preposto é que muitos são os relatos dos docentes que se sentem indispostos a participar do processo posto a forma como o mesmo acontece. Alguns optam pelo afastamento por motivos como estudos, outros apresentam o sentido de gratidão pela forma como podem ainda reverter o quadro de desconhecimento à que se é exposto, mais uma vez, se reitera que ou me reconheço como negro desde a minha formação como sujeito, ou isso me é apresentado por outro sujeito negro, cuja identidade está constituída desde sempre, sejam pelas orientações familiares, sejam pelos outros que trazem para “este” quem ele de fato é: negra/negro. Outros podem falar por mim, mas só eu posso me posicionar e enunciar como negro e para que isso aconteça, necessariamente tenho que ter minha formação ideológica bem definida.

A formação ideológica tem como componentes as formações discursivas, ou seja, os discursos são governados por formações ideológicas. Desse modo, a formação ideológica é “[...]conjunto complexo de atividades e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou



menos diretamente às posições de classes em conflito umas com as outras". (PÊCHEUX, 1990, p. 163).

Os sentidos se manifestam conforme a posição dos sujeitos e de acordo com a formação ideológica em que estes estão marcados. A posição política e o discurso étnico-racial recobrem de tensões as relações entre os sujeitos docentes – instituição de ensino – e comunidade acadêmica, onde a qualquer momento, algo que for dito pode gerar desconfortos sem precedentes, neste caso, nos docentes que participam do processo de cotas, além das tensões já existentes com os outros docentes, com os futuros alunos também se posta uma relação tensa.

Alguns recortes apontam para uma noção de si bem marcada, “muitos sabem e se reconhecem negros”, razão essa de se candidatarem para o nível superior em uma universidade que possui o sistema de cotas como forma de ingresso, este perfil não traz tensão para a relação, contribui como mais um sujeito disposto a defender os interesses e apoiar o propósito, este candidato torna o processo menos tenso, conforme segue: **é o momento que garantimos que mais negros estejam no interior da UEMS. É um trabalho gratificante.**

“É um trabalho gratificante” vem com o sentido de satisfação, não somente pelo fato das cotas existirem e estarem inseridas na UEMS, mas sim, como um encontro entre um avaliador esperançoso e um candidato preparado para o enfrentamentos sociais que podem surgir, esse perfil está muito mais apto aos sentidos de luta e tensões que existem entre alunos cotistas e não, do que os alunos que não tem um relação ou identificação étnico-racial bem definida, estes últimos chegam ao processo de forma aleatória outros “estão ali porque na certidão de nascimento está como **pardo** e aí, vão pelas cotas.”

Para que se tenha identidade é necessário que se tenha o sujeito e tendo o sujeito ali está presente o discurso, então a relação sujeito, identidade e discurso



sempre está presente, mesmo que o olhar do analista do discurso esteja voltado especificamente para um destes conceitos os demais estarão sempre presentes.

A identidade tem na sua constituição um sentido com lastro histórico preenchido de discursividades, não sendo assim um produto finito ou moldado, pelas condições a que são expostos, pelas tentativas de uma modelagem, forças que detém o poder ou o controle social.

Nesse contexto, o sujeito em si não é a origem do dizer, do que se enuncia, ele possui um sentido histórico e por consequência outros dizeres que o atravessam constituindo sua formação discursiva. Com a identidade se dá o mesmo sentido, uma formação a partir do social, de maneira descontinuada com etapas e rupturas, fragmentações, ressignificações, deslocamentos e silêncios.

Desse modo, a identidade se forma conforme valores que entremeiam com o ambiente no qual o sujeito portador desta identidade está inserido, não dissociando as relações com outros sujeitos, a cultura, de forma geral, também tem sua participação e ainda o que é simbólico também está presente nesta formação.

Entretanto, pode-se formular uma série de questões e reflexões sobre a constituição da identidade e poder possui vários sentidos, centros de poder, formações discursivas e muitas vozes. Como exemplo um copo que passa por várias mãos e grava várias digitais, a identidade se constitui de forma constante, da mesma forma que o sujeito ela muda, transforma, conforme seu portador também vêm a mudar conforme ele é interpelado.

As identidades podem ser múltiplas e inter cruzam, como a identidade do filho (a), esposo (a), sujeito docente, sindicalista e outros, não se dissociam para enunciar. De maneira conjunta sujeito e sentido se configuram constituindo assim processos de identificação, há algo que interessam a determinados assuntos.



Ora este algo é o que chamamos de interdiscurso, o saber discursivo, a memória dos sentidos que foram se constituindo em nossa relação com a linguagem. Assim nos filiamos a redes de sentidos, nos identificamos com processos de significação relativas às formações em face das quais os sentidos fazem sentido. (ORLANDI, 1998, p. 206).

Vale ressaltar que as identidades se constituem também na relação de força e quando abordados a identidade do sujeito docente negro, as barreiras ideológicas estão presentes em seus enunciados.

Ora, sabemos que a identidade pode ser imposta, resultar de uma relação de poder, pode ser efeito de dominação, onde alguém sabe a verdade, alguém pode falar em nome do outro, responder o outro, dizer o outro. (CORACINNI, 2007, p.49).

Por esse prisma, as condições, os dizeres que atuam em suas identidades os sentidos, são os mais diversos e estão presentes nos enunciados obtidos a partir de um questionário, remetendo a metáfora do copo, a identidade deste sujeito docente está carregada de sentidos, dos mais variados como estão descritos nas análises.

A identidade é um efeito dos processos de identificação e, a partir da linguagem, pelo discurso, é possível observar esses modos de construção, e não reitera como ter uma identidade sem o discurso atuando como ponte entre os interlocutores.

Da mesma forma que o sujeito é interpelado por várias vozes conferindo a ela capacidade de enunciar vários dizeres com um sentido incompleto, inacabado, porém em construção. Neste sentido está a identidade, marcada pela incompletude, embora tenha aspectos distintos, particulares, ela se molda conforme as condições lhe chegam. O sujeito docente é atravessado por diversos sentidos, no ambiente que ele transita, em uma sala de aula as experiências



podem ser as mais variadas, facultando-lhe a condição de se abalar com alguns ataques ou de acordo com sua vivência produzir respostas direcionando para novos sentidos.

O sujeito docente é testado quanto sua capacidade, o político é questionado quanto sua idoneidade, o negro passa por sentidos de marginalidade e precisa responder a isso, cada identidade traz em si realidades distintas que são expostas diariamente e em um mesmo sentido precisam ser respondidas conforme são interpeladas. Mesmo que o sujeito não queira enunciar diante de algumas situações, o silenciamento confere a ele aspectos de sua identidade, podendo ser negação, posicionamento contrário e outros. São as várias identidades que se entrecruzam no fio do discurso. (PÊCHEUX, 1997, p. 167)

Para discorrer sobre a identidade do negro se utiliza da teia de acontecimentos/fatos que estão conectados mesmo que sua concepção tenha acontecido em momentos distintos.

Embora a trama sobre a identidade esteja sendo traçado, ao falar do negro no Brasil, vale ressaltar que ele só fez parte da sociedade após a abolição da escravatura em 1888, antes disso era visto de várias formas, menos, como um sujeito social, não por sua escolha, ressalta-se. Ainda, era submetido à estigmas, à marginalização, então, a abolição da escravatura não conferiu ao negro uma condição social digna, uma identidade neste cenário tenso. No Brasil temos ainda as mesmas sensações, exceto a escravidão que não está mais presente, mas os sentidos que ela trouxe ainda sim, se manifesta em algumas esferas da sociedade, a marginalização e o preconceito também estão bem vivos.

Todavia, dentro da UEMS os sentidos de preconceitos, racismo, segregação também são percebidos e a identidade se torna uma questão de embate na ordem do discurso, disputa e reivindicação,

[...] a identidade (com maior ou menor estabilidade) se constitui (surge em forma de negação, de afirmação, de oposição, de negociação, de ressignificação, de divisão de espaço, de reivindicação) a partir das práticas de produção dos discursos, o que implica considerar necessariamente sua filiação a espaços de discursividade (Pêcheux, 2002: 52) na sua relação direta com a memória discursiva (Pêcheux, 1999: 56) pelo interdiscurso (Pêcheux, 1997: 163) e como um “furo”, no/do acontecimento, enquanto “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamento e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos” (idem, 56). Neste sentido, a identidade não é algo estabilizado ad infinitum, mas sujeito aos movimentos políticos, culturais e ideológicos que imperam em determinados períodos históricos. (RODRIGUES, 2010, p. 45).

Vale notar que em uma sociedade estão presentes os sentidos de segregação (inclusive no espaço acadêmico), condenação sem julgamento, a identidade se torna ainda mais volátil em se constituir, para os negros a ressignificação é uma constante, pois a todo momento precisam(mos) reposicionar. Em alguns momentos nega-se a própria identidade (vide enunciados nas análises).

Para entender como a identidade pode ser constituída para uma parte da população em situação de vulnerabilidade, recorreremos novamente a Rodrigues, que traz a seguinte concepção:

Para que seja possível atribuir ou reivindicar algum tipo de identidade para sujeitos, para grupos, para movimentos populares, para partidos políticos, é preciso que haja minimamente um espaço de discursividade (conquistado, reivindicado, disputado, cedido) e um lugar material (instável ou não) em seu aspecto espaço/temporal. Além disso, a identidade marca uma certa territorialidade nos/pelos discursos, tendo como referência ou como condição um conjunto de objetos prévios, um conjunto de valores, de crenças, de rituais, de símbolos, no/sobre os quais ela se inscreve, se rompe e se estabelece enquanto acontecimento. Quando não, o



acontecimento não é absorvido pela memória, como se nunca tivesse acontecido (PÊCHEUX, 1999, p. 50).

Assim, é necessário espaços para que as identidades possam se constituir e configurar, isto porque elas se relacionam umas com as outras e o sujeito está neste entremeio sendo interpelado, ressignificado, constituindo também sua materialidade, suas posições nos espaços antes não ocupados.

Considerações finais

O sistema de cotas por si, já tem suas tensões, desde a concepção da ideia, trajetória até se tornar lei, prática das bancas, relação com candidatos e demais docentes, alguns casos de práticas de racismos por parte dos candidatos, alguns sentidos de segregação por parte daqueles que não querem que o processo avance. O olhar docente traz uma nova perspectiva, um sentido que nem tem todos tem acesso, por não pensar em questionar ao sujeito docente negro qual seu olhar para as bancas, quais suas impressões e sentimentos sobre o processo em si. Aqui o que temos são essas impressões, não é um processo cheio de romantismo, ele é árduo e poucas vezes traz alegrias plenas por parte dos alunos que são os candidatos ao processo. Os enunciados veem carregados de situações que lançam uma nova perspectiva e alguns questionamentos sobre o perfil do aluno que ingressa pelo sistema de cotas. Será que ele realmente sabe o que é o sistema? Nem todos tem conhecimento de como se deu a concepção em si, muitos não se identificam com a questão étnico-racial e vão muito mais pela oportunidade do que pela força que se possui, não se atentando que após o acesso terá uma trajetória que poderá ser marcada por questionamentos quanto a capacidade devido a forma de acesso.



Muito mais que instrumento de acesso, as cotas marcam também a trajetória dos docentes por apresentar uma realidade contraditória, nem todos os alunos estão ali em sua totalidade por acreditar no sistema, traz ainda casos de preconceitos, falta de conhecimento e identificação com a questão étnico-racial, contrariando todos os sentidos que deveriam estar presentes neste momento. Os desdobramentos passam ainda por isolamento por parte dos docentes, que ao se deparar com casos como citados anteriormente, não querem mais participar do processo, o que pode direcionar para a interrupção do sistema, ou pior, delegar à outros que deem continuidade porém sem o olhar criterioso de quem está inserido e tem a identidade constituída com a questão no negro em si.

Ao iniciar este artigo, a expectativa contrapõe com a realidade, mais uma vez usando da metáfora, o homem vai ao médico contrariado com a chance de ser curado, o aluno tem preconceito e mesmo assim vai em busca do sistema de cotas. Ao sujeito docente negro, ficam as reflexões sobre a manutenção do processo, sobre as lutas que serão travadas para que as bancas de cotas tenham continuidade, ainda sobre o olhar e cuidados de quem faz a leitura da questão étnico-racial e por fim marcar a presença evitando assim o deslocamento e a invisibilidade tanto dos negros que podem ser inseridos no nível superior como de um instrumento que serve de acesso e para reparar anos de desigualdades.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução a análise do discurso**. 2 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2004. 110 p.

CARVALHO, J. J. **Inclusão Étnica e Racial no Brasil: a questão das cotas no ensino superior**. São Paulo: Attar, 2005.

CORACINI, M. J. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas. SP: Mercado de Letras, 2007.



CORDEIRO, M. J.J.A.: **Negros e indígenas cotistas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul: desempenho acadêmico do ingresso à conclusão de curso.** 2008. Tese (Doutorado em Educação - Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de Sampa Paulo, 2008.

FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias.** São Carlos: Claraluz, 2007.

MACHADO, L. H. A. **Professores negros, experiências de discriminação, de racismo e pedagogias antirracistas.** São Carlos: UFSCar, 2010. p. 201

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso.** Tradução: Freda Indursky. 3 ed. Campinas: Pontes: Unicamp, 1997.

ORLANDI, E. P. As histórias das leituras. **Leitura: Teoria & Prática,** Campinas, v. 3, n. 3, p. 7- 9, jul. 1984.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso Princípios e procedimentos.** 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 2. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1993.

ORLANDI, E. P. Identidade lingüística escolar. *In: **Lingua(gem) e identidade.*** SIGNORINI, Inês (org.) Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In: ACHARD, P. et al. (Org.) **Papel da memória.*** Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

RODRIGUES, M. L. Discurso e Metodologia: tensão na Análise. **Interface da Educação,** v. 1, n. 1, p. 66-82, 2010.

RODRIGUES, M. L. (org.) **Linguagem, identidade, gênero, história.** 1. ed. Rio de Janeiro: Litteris Editora e Quártica Premium, 2011.

Recebido Para Publicação em 27 de setembro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 25 de novembro de 2019.